

ACATEDRAL DE CAMPINAS: UMA JÓIA PRESERVADA

Duílio BATTISTONI FILHO

Muito se tem falado sobre a importância da preservação do patrimônio histórico do País. Planos são elaborados, assim como projetos, uma legislação protetora, no sentido de se viabilizar recursos para restaurar um ou outro monumento; no entanto, atentados maciços a esse patrimônio continuam ocorrendo de forma alarmante pela incúria de nossas autoridades. No caso de Campinas, a situação é grave, quando percebemos que a cidade está se desfigurando com o desaparecimento de seu patrimônio histórico.

Os grandes especuladores imobiliários não têm encontrado grande dificuldade em dilacerar nossos redutos históricos, incentivados pela busca desenfreada de grandes lucros, sucateando e dilapidando os mais importantes testemunhos arquitetônicos formadores de nossa memória. Tais bens, devidamente apropriados por mercadores inescrupulosos, pertencem ao cidadão campineiro. A História nos ensina que os valores tradicionais pode contribuir para o indivíduo e para a sociedade. Até porque é difícil viver o presente e projetar o futuro sem buscar no passado os exemplos e os valores.

Felizmente, depois de tantos descabros arquitetônicos em Campinas, a Catedral foi preservada e tombada pelos órgãos municipal e estadual, o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc) e o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Sem qualquer dúvida, a Catedral é o mais importante patrimônio histórico e artístico de Campinas e o único exemplo de entalhe barroco

envernizado do Brasil, cuja construção foi iniciada em 1807, em um terreno do Rocio, a sudoeste da Vila, onde havia matas densas e caça abundante.

Com a autorização do bispo de São Paulo, D. Mateus de Abreu Pereira, os trabalhos de construção do novo templo foram iniciados e financiados pelos senhores de engenho e demais proprietários rurais, que contribuíram com dez por cento de sua produção anual no primeiro ano e cinco nos anos seguintes¹.

Eleito administrador das obras, Felipe Néri Teixeira, homem de muito prestígio na Vila, pois tinha sido seu juiz ordinário, deu início às primeiras fundações do templo. Quatro anos depois, tendo falecido, foi eleito em seu lugar o Tenente-Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, fazendeiro de café e homem de grande reputação e zelo administrativo. Dedicou-se de corpo e alma à continuidade das obras, notadamente na feitura de taipa-de-pilão, colocada diariamente.

Momentos conturbados e graves como as guerras da Independência, rebeliões nas Regências e a Revolução Liberal de 1842 com o episódio de Venda Grande, atrasaram a paralisaram as obras. Além do mais, as finanças estavam péssimas, pois sucessivas geadas tinham diminuído a produção açucareira, motivando mudanças freqüentes de pessoal administrativo e de operários. Entretanto, nova fase de grande prosperidade para a construção da igreja viria com a nomeação do novo administrador, Dr. Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto (1804-1884). Sua primeira providência foi aumentar a receita e para isto abriu **uma subscrição entre os campineiros de destaque, cujas cotas seriam pagas por meio de oito vales, resgatados em seis meses.**²

Nessa ocasião, entra em cena a figura curiosa de Antonio Francisco Guimarães, cidadão português, apelidado de Bahia, aqui residente desde 1819. Muito caridoso, prestou relevantes serviços à cidade, pois foi provedor e tesoureiro, durante muito tempo, da Irmandade do Santíssimo Sacramento, chegando a doar um sino para a nova igreja. Morando muito tempo na Bahia, conheceu o célebre entalhador Vitoriano dos Anjos Figueroa (1765-1871) e o convidou

(1) Pupo, Celso Maria de Mello. **Campinas, seu berço e juventude**. Publicação da Academia Campinense de Letras. Gráfica da Revista dos Tribunais, 1969, p. 200.

(2) Rodrigues, João Lourenço. **Monografia da Catedral de Campinas**. Gráfica da Revista dos Tribunais, 1969, p. 26.

para trabalhar nas obras da nova Matriz. Aceitando o convite, Vitoriano aqui chegou e, com o auxílio de hábeis artesãos, talhou o grandioso altar-mor composto **de um semi-circulo de colunas, circundando, pelos lados e pelos fundos, uma seqüência de plataformas circulares, em pirâmide que se ergue no centro, sustentadas umas sobre outras por frontais lindamente entalhados, aproximando-as, no alto, de duas coroas sobrepostas às colunas circundantes, como um baldaquino tudo entalhado.**³ Esculpiu também as grandes grades rendadas das tribunas para o coro e as jóias esplêndidas, que são os dois púlpitos. Recebeu por todos esses trabalhos a quantia de 400 mil réis.

Tornando-se escassos os recursos orçamentários, Vitoriano pediu à Câmara Municipal licença para levantar um empréstimo a ser resgatado com o produto dos impostos. Todavia, não sendo atendido, retira-se desgostoso da direção dos trabalhos, vindo a falecer com idade avançada e na extrema miséria.⁴

O novo administrador do templo, o **Sampainho**, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto (1836-1914), filho do Dr. Sampaio, era um homem inclinado às belas artes e à mecânica. Imediatamente foi ao Rio de Janeiro e lá contratou um corpo de entalhadores chefiado pelo artista fluminense Bernardino de Sena Reis e Almeida. Esses nossos artífices fizeram os dois altares das duas capelas laterais e os demais altares da nave, segundo plano traçado por Vitoriano dos Anjos. Todos esses trabalhos foram bem executados, pois a madeira empregada, o cedro, era de excelente qualidade e abundante nas matas da região, a ponto de viajantes estrangeiros enaltecerem suas qualidades, como foi o caso do viajante português Augusto Emílio Zaluar, quando esteve na cidade, em 1862.

Prosseguindo com as obras, faltava a fachada. Aliás, diga-se de passagem, nessa ocasião, houve um grave acidente com o desmoronamento dela, ocasionando a morte de quatro operários, apesar dos profundos alicerces feitos pelos engenheiros cariocas, Bittencourt da Silva e Manoel da Silva Cantarino. Uma comissão liderada por Joaquim Egídio de Souza Aranha resolve retomar as obras, mas em 1875, o Banco Mauá quebra e com isso os recursos destinados à conclusão das obras

⁽³⁾ Pupo, op. cit. p. 203.

⁽⁴⁾ Farjallart, Célia Siqueira. **A Catedral de Campinas: orgulho da cidade**. Correio Popular, 19/08/1967.

ficam bloqueados por sete anos. Após demorados estudos feitos por profissionais do Rio de Janeiro, o desenho do frontispício foi feito sob a supervisão do engenheiro Cristovão Bonini e seria composto de três planos sobrepostos em forma de torre assíria decorada em estilo clássico. O primeiro é de ordem jônica, sendo a parte central saliente e coroada por um frontão triangular, servida por três entradas, sobre as quais estão colocadas uma série de quadros em relevo, onde se acham gravadas datas principais e históricas do templo. O segundo plano é de ordem coríntia, onde se acha o relógio de grandes proporções, ladeado por duas janelas em arcadas, com plataforma de passeio. O terceiro corpo assenta em uma base quadrada, tendo apenas uma janela ao centro. Sobre este corpo, eleva-se a pirâmide de coroamento, encimada por uma esfera e cruz de ferro.⁵

Como os trabalhos estavam atrasados e quase abandonados pelo engenheiro Bonini, a comunidade pediu a intervenção do Dr. Ramos de Azevedo que, prontamente, em 1880, tomou a direção dos trabalhos. Esse notável engenheiro formado na Bélgica envia um primeiro relatório ao Visconde de Indaiatuba, presidente da Comissão de Obras, pedindo licença para selecionar bons operários e com salários elevados. Os trabalhos prosseguem com grande intensidade nos anos seguintes. A ornamentação e parte do estuque estavam terminadas, e os tubos de gás para iluminação, assentados. Finalmente levantou-se a Capela do Santíssimo Sacramento. Azevedo contratou os serviços dos artistas Torrini e Pocero Fontan. O primeiro pintou os vitrais, e o segundo instalou os pisos de mármore do templo. Uma grande inovação para a época e que passa despercebida pela maioria dos campineiros que trafega pela rua 13 de maio é a construção da escada lateral mediante o processo da **Esteriotomia**. Segundo um estudioso do assunto, **os degraus e a laje são auto-sustentáveis, pois são ajustados entre si sem nenhum tipo de argamassa, betume e cimento.**⁶ Afinal, em 1883, as grandiosas obras já estavam concluídas. E a 8 de dezembro, dia consagrado à Imaculada Conceição, era solenemente inaugurada com grande pompa. Como recompensa, Ramos

⁽⁵⁾ Castro Mendes, José de. **História de Campinas**. Correio Popular, 20/07/1968. Suplemento.

⁽⁶⁾ Pupo, Benedito Barbosa. **A Catedral de Campinas**. Diário do Povo, 19/08/1996.

de Azevedo recebeu 8.000\$000 da Câmara Municipal. Foi sua consagração nacional.

A Catedral passou por grandes reformas.⁷ A maior delas aconteceu em 1923 no bispado de D. Francisco de Campos Barreto, segundo bispo da cidade, o maior restaurador do templo. Foram reformadas a fachada posterior, e construído o novo zimbório, onde foi colocada a imagem de Nossa Senhora das Graças; todo o telhado foi substituído por outro de telhas de tipo francês; quatro anjos foram colocados ao lado das torres, representando o Juízo Final; as gambiarras da iluminação a gás retiradas e postos medalhões com diferentes datas, rememorando o início da construção, a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, a inauguração da Matriz Nova e a inauguração das obras mais recentes. Uma cripta de mármore, onde hoje repousam os bispos falecidos, foi construída, e as escadas da torre foram reformadas. D. Barreto adquiriu na França os belos quadros da Via-Sacra que enfeitam as paredes laterais da nave. Dois afrescos, infelizmente, foram inutilizados por essas reformas, além do técnico responsável pintar colunas de alvenaria da nave, imitando madeira. O anjos que estão no alto da fachada, destoam do conjunto, pois não existe um senso estético. Foram famosos os quadros da **Paixão** pintados pelo artista Claude Barandier (1812-1867), pintor francês, egresso do Romantismo, condecorado pelo governo imperial e premiado na exposição de 1840, no Rio de Janeiro. Alguns desses quadros estão guardados no Museu Arquidiocesano da cidade.

Um recinto do templo muito pouco estudado é a Capela do Santíssimo Sacramento, que prima pela sua exuberante decoração.⁸ Suas paredes trazem em toda a sua extensão, um friso decorado em almofadas, com entrelaçamento de cachos de uva, espigas de trigo, lírios e rosas, interrompidos pelos quadrados com ornamentações alegóricas de fundos a mosaico, contornados com molduras em claro-escuro, imitação a estuque. Descendo, notamos quatro majestosos capitéis que fingem sustentar as aludidas ornamentações em ricas pilastras com fundo mosaico.

⁽⁷⁾ É preciso acentuar que o forro da nave central formado de madeiras brancas e com entalhes preciosos, está envelhecido e reformas urgentes são necessárias. Para tanto, a PUC-Campinas, através de sua Faculdade de Arquitetura e Urbanismo está com um projeto de restauro que em breve deverá se concretizado.

⁽⁸⁾ Loschi, João A., Toledo, Júlio Neubern. **A Capela do Santíssimo Sacramento da Catedral de Campinas**. Gráfica Ave Maria, 1937, p. 9.

O forro da Capela, de nítida inspiração romana e florentina, apresenta caixotões octogonais desenhados pelo artista Orestes Columbari, com diversas alegorias representando a cruz e a estrela. Encontramos também, pela sua originalidade, a flor de maracujá, típica fruta brasileira. Seis vitrais policromados e porta-lâmpadas foram colocados. Todos estes caixotões foram confeccionados pela Casa Franco & Cia de São Paulo, por intermédio da Casa D. Nery.

Os painéis laterais com reproduções de pintura se destacam no conjunto da capela. À direita de quem entra, deparamos com uma reprodução do quadro de C. Vogel, apresentando Jesus distribuindo a comunhão. O pintor que reproduziu o quadro foi Tony Koegel, radicado em Limeira. O segundo painel à esquerda é também uma reprodução do quadro Eucaristia de Rafael, também realizado pelo artista limeirense.

Ao fundo, temos dois painéis situados na arcada com motivos do Antigo Testamento. À direita, ao lado da Epístola, temos a viagem de Tobias no ato em que, à margem do rio Tigre, monstruoso peixe ameaça devorá-lo. Instruído pelo arcanjo Rafael disfarçado de outro jovem, retira uma substância do peixe que serve de remédio para curar a cegueira de seu pai e o restante serviria de provisão para a longa viagem que deveria empreender. À esquerda, está o painel que significa o sacrifício de Melquisedech, oferecido a Deus em ação de graças pela vitória obtida por Abraão contra os seus inimigos. Nesse sacrifício foram oferecidos pão e vinho, símbolos da Eucaristia.

Merecem destaque dois vitrais laterais. O primeiro mostra o martírio de São Tarcísio, quando o pequeno mártir, agonizante, é amparado por um soldado cristão. No segundo, há a representação do beato Julião Eymard, o sacerdote da Eucaristia, no momento em que tem uma visão de Maria, quando a Virgem lhe pede sua consagração de corpo e alma ao serviço de Jesus. Também esses vitrais foram executados pela firma Franco & Cia.

Essa capela sobreu uma reforma em 1937 no bispado de D. Barreto, quando foram executadas a grade de entrada e a mesa da comunhão pelo artista campineiro Núncio Antonelli, ambas em estilo toscano.

Trabalhou também nessa capela como entalhador o Sr. Humberto Morassutti, sendo que muitos móveis foram feitos na Indústria de Móveis Artísticos Piason, de propriedade do Sr. Napoleão Victor Piason.

Sintetizando, podemos dizer que Campinas é uma cidade abençoada, pois a Divina Providência cobriu-a com esta relíquia histórica. Seus habitantes a veneram como uma tradição que vem de família até nossos dias.